

**A FALA EM SITUAÇÕES INSTITUCIONAIS: A CONSTRUÇÃO DO TEXTO ORAL
EM UMA AULA UNIVERSITÁRIA¹**

Gil Negreiros²

RESUMO: Este artigo apresenta como tema as características de uma interação institucional. O objetivo é demonstrar como, no evento comunicativo escolhido como *corpus*, são configuradas as características básicas que o definem como um evento institucional. A pesquisa se apoia nos referenciais teóricos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional.

PALAVRAS-CHAVES: oralidade; textos formais; processos de textualização; Linguística Textual; Análise da Conversação.

ABSTRACT: This paper presents as its theme the characteristics of an institutional interaction. The aim is to demonstrate how, in the communicative event chosen as *corpus*, are configured the basic features that define it as an institutional event. The research is based on theoretical frameworks of Conversation Analysis and Interactional Sociolinguistics.

KEYWORDS: orality; formal texts; processes of textualization, Textual Linguistic; Conversation Analysis

Introdução

Este trabalho faz parte de um projeto maior, pensado a partir das discussões ocorridas no ano de 2010 no GT “Linguística de Texto e Análise da Conversação” do XXV Encontro Nacional da Anpoll, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, na Cidade de Belo Horizonte. Trata-se de uma proposta de pesquisadores vinculados à Universidade de São Paulo e à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que tem como meta investigar os processos de construção do texto oral em situações institucionais.

O grupo decidiu, em reuniões futuras, que o *corpus* de análise seria limitado às elocuições formais publicadas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC-SP), por Castilho e Preti (1986). A opção por esse material se deu por se tratar de *corpora* equilibrados, com muitos inquéritos ainda não investigados a fundo, com grande facilidade de manuseio e de acesso.

¹ Este texto foi apresentado como comunicação no XVI Congresso Internacional da ALFAL, realizado em Alcalá de Henares, Espanha, em junho de 2011.

² Pós-Doutor em Letras Clássicas – USP; Docente-pesquisador do Mestrado em Letras – UNINCOR.

Este artigo enquadra-se na proposta do grupo e tem como tema as características específicas de uma interação institucional do tipo aula universitária. Trata-se de uma análise inicial, que tem como objetivo demonstrar como, no evento comunicativo escolhido como *corpus*, são configuradas as características básicas que o definem como um evento institucional. Para tanto, baseamo-nos fundamentalmente em Drew e Heritage (1992), segundo os quais qualquer evento desse tipo possui (a) uma orientação para o cumprimento do mandato institucional, (b) restrições às contribuições aceitas e (c) inferência de enquadres e procedimentos.

A pesquisa se apoia nos referenciais teóricos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional, dois ramos teóricos distintos, mas que se complementam. Metodologicamente, adotamos a pesquisa qualitativa de análise de dados, de caráter indutivo.

A aula que compõe nosso objeto de análise é, aqui, considerada como uma interação institucional específica, publicada em Castilho e Preti (1986), entre as páginas 58 e 71. O inquérito foi registrado pelo NURC sob o número 124 e sua gravação está arquivada na bobina 043, gravada em 28 de novembro de 1972. O informante é homem, com as seguintes características na época: 51 anos, casado, professor universitário, paulistano, filho de pais paulistanos, segunda faixa etária.

Neste artigo, analisaremos apenas alguns excertos retirados do *corpus*. Outras características do inquérito em questão serão examinadas em análises futuras.

1. Aspectos interacionais de eventos orais institucionais

Segundo Del Corona (2009, p. 13), nos estudos de Análise da Conversação, é comum encontrarmos duas posições diferentes acerca da natureza da interação. Considerar uma interação como cotidiana ou como institucional pode, por um lado, ser algo fundamental para o analista, quando este busca caracterizar o que diferencia a fala-em-interação cotidiana da fala-em-interação institucional. Por outro lado, pode ser algo não valorizado, quando se objetiva investigar aquilo que é convergente a qualquer fala-em-interação, independentemente de sua natureza.

Obviamente, conforme já apresentado anteriormente, nossa discussão, neste trabalho, enquadra-se na primeira dessas duas tendências. Seguimos os moldes propostos por Drew e Heritage (1992), a partir da premissa segundo a qual as interações de caráter institucional pos-

suem características específicas, que justificam sua diferenciação das interações cotidianas. (cf. DEL CORONA, 2009, p. 13).

O fato de possuírem características peculiares com relação às interações cotidianas não significa, porém, que as interações institucionais sejam idênticas entre si. Pelo contrário, os padrões interacionais se modificam de instituição para instituição (ou, em outras palavras, de um tipo de evento comunicativo para outro tipo de evento comunicativo). Del Corona postula:

Enquanto interações em alguns cenários institucionais envolvem fenômenos mais marcadamente distintos das interações cotidianas [...], interações em outros cenários parecem se aproximar mais, em certos aspectos, da organização das interações cotidianas. (DEL CORONA, 2009, p. 14).

Assim, dentro da variedade de tipos de interações que compõe o cotidiano social-linguístico, podem-se observar interações institucionais que podem se aproximar (ou se distanciar) dos índices que definem uma interação cotidiana. Essa aproximação ou esse distanciamento poderão ser observados em muitos pontos do discurso interacional, como na organização, cessão e gerenciamento dos turnos pelo falante; nas escolhas lexical, sintática e vocabular do texto, que pode denunciar um menor ou maior “policiamento” por parte do falante com relação a sua fala; no excesso de repetições e de paráfrases que podem dominar o discurso do falante, que busca ser claro ao ouvinte, convencendo-o de que seu discurso é verdadeiro; na monitoração, realizada pelo informante responsável pelo evento (aquele que possui um “mandado” institucional para tal), que tem como objetivo não deixar que outros temas substituam aquele que deve ser debatido, explicado, apresentado, discutido (no caso de eventos do tipo “aula” e “palestra ou exposição oral”).

Como exemplo, peguemos o problema do turno. Uma conversa cotidiana, a princípio, é construída a partir de turnos de tendência simétrica. Nada impede, *a priori*, que os turnos sejam equilibrados, posto que uma interação espontânea é informal, casual. Nela, não há hierarquia de falantes, sendo a um só tempo *livre de contexto* e mantendo “extraordinária *sensibilidade contextual*” (cf. MARCUSCHI, 2000, p.17).

Ao contrário do que ocorre muitas costumeiramente na conversação espontânea, as estratégias de troca de turnos em interações institucionais apresentam outras dinâmicas, diferenciando, assim, as interações cotidianas das institucionais.

Drew e Heritage (1992), em estudo clássico sobre a interação institucional, definem três características básicas que definem esse tipo de interação oral:

a) orientação para o cumprimento do mandato institucional: segundo os autores, em toda orientação institucional, pelo menos um dos interactantes deve possuir uma meta, uma tarefa, uma identidade fulcral, convencionalmente associada à instituição na qual se encontra.

b) restrições às contribuições aceitas: a interação institucional frequentemente envolve limites especiais e particulares quanto àquilo que um ou ambos os participantes considerarão como admissíveis ao que está sendo tratado.

c) inferência de enquadres e procedimentos: a interação institucional pode possuir arcabouços inferenciais e procedimentos característicos dos contextos em que são produzidos. (cf. DREW e HERITAGE, 1992, p. 22).

2. A falar em situações institucionais: a construção do texto oral em uma aula universitária

A partir das características básicas de uma interação institucional, analisamos, a seguir, alguns trechos de nosso *corpus*.

TRECHO 01

1	Inf.	(...) relacional... não é?... que está subjacente no Comportamento... e de certa forma... influencia esse Comportamento... na última parte... das das aulas de
5		terça-feira passada tinha muito pouca gente... mas vocês não viram então um texto que eu analisei... de Benjamin Whorf sobre os <i>hopi</i> - - quem estava aqui? ((vozes)) então quem me diz alguma coisa vamos ajudar os colegas - - ... qual é a diferença entre a forma de pensar dos <i>hopi</i> e a forma de pensar dos
10		indivíduos que pertencem... a grupos integrados na tradição cultural do ocidente... ((vozes)) ham?... ((vozes))
	Loc. acid.	éh... éh que os... parece que os <i>hopi</i> ... eles aceitam as... regras sociais... como se fosse coisas deles... e no ocidente a gente medita mais como uma coisa que... tem histórico...
15	Inf.	você já está saltando sobre o aspecto linguístico para chegar nas conseqüências não é?... mas...
	Loc. acid.	eles não têm passado nem futuro... ((vozes))
20	Inf.	certo... não existe passado presente e futuro... agora me diga uma coisa... eles não têm idéia então ninguém se casa por exemplo marca a data do

- casamento e não se casa porque não tem idéia do futuro?... ((vozes)) como é a his/... como é a história?...
25 Loc. acid. a forma de expressão deles... é pelo presente... se por exemplo uma... uma planta está:: verde... isso tem relação assim está se referindo ao passado a planta está verde... ou ela vai () amadurecer certo
Inf.
30 Loc. acid. mas tem uma denominação especial para aqueles casos... no naquele momento... e não um estado referindo () passado
Inf.
35 exato... a o *hopi* diz... não há idéia então... de um CONTINUUM... compreendem?... isto é alguma coisa que se perde numa perspectiva infinita às nossas costas... que é o passado... alguma coisa que é um ponto onde nós estamos... certo? ... e alguma coisa que se dirige... para um horizonte e se perde no fim do horizonte... que nós chamamos de futuro...
40 certo?... isto é... como eu disse a vocês... uma das idéias fundamentais no ocidente... é a idéia de viagem... a idéia de peregrinação... nós podemos aproximar isto então... da literatura religiosa do ocidente... “nossa vida é uma via/ ... é uma viagem pelo vale de lágrimas” ... - - vocês já ouviram isso? - - tem alguns católicos que... vão à igreja ao (...)

O trecho 01 é a transcrição de uma aula universitária. A tarefa imposta pelo evento ao representante institucional³, no caso, o professor, é dar aula ou, de outra forma, “transmitir uma informação”. Essa tarefa é, pois, o *mandato institucional* (Maynard, 1984) referente ao evento. No caso do evento aqui analisado, o informante assume seu papel de professor universitário, buscando, desde o início do inquérito, atingir alguns resultados, como:

- mostrar que houve um tema relevante no encontro anterior, no caso, uma análise de um texto de Benjamin Whorf sobre o povo *hopi*;
- iniciar a apresentação da temática do dia criando elos com a temática do dia anterior;
- fazer com que os outros participantes percorram o caminho temático discutido no evento passado. A recuperação do conteúdo do último evento é monitorada pelo *informante*, que ocupa o papel social de professor, a ponto de fazer com que os outros participantes, no inquérito definidos como *locutores acidentais*, não pulem etapas. Assim, a contribuição do

³ Dolz et alli falam em “expositor-especialista”, cujo papel é o de “transmitir um conteúdo, ou dito de outra forma, de informar, de esclarecer, de modificar conhecimentos dos ouvintes nas melhores condições possíveis, procurando diminuir, assim, a assimetria inicial de conhecimentos que distingue os dois atores desse contexto de comunicação” (2004, p. 186).

locutor accidental nas linhas 10 e 11 é considerada pelo *informante* como desnecessária para o momento, haja vista que o percurso discursivo da temática deve ser resgatado de forma coerente, sem perder aspectos importantes da discussão. A repreensão para que não se pule etapas é observada nas linhas 17 e 18:

O *informante* age de forma a informar os outros *locutores* de que sua análise anterior é importante para o evento do dia, cobrando daqueles que estiveram presentes o resgate das informações dessa análise realizada anteriormente. Isso não quer dizer que o *informante* não conheça o assunto, mas sua ação é direcionada a um envolvimento dos outros *locutores* na recuperação do evento anterior. Usando desse recurso, o *informante* inicia a apresentação do conteúdo do dia, o que pode ser observado na linha 33, adotando, contudo, um outro recurso discursivo, descartando a participação dos outros *locutores*. O caráter institucional do evento é dado, assim, por essa coconstrução das identidades dos participantes, tanto do *informante*, que adota a postura *representante da instituição*, quanto dos outros *locutores*, que aceitam a proposta e se identificam como *clientes da instituição*.

Trecho 02

- Inf. por exemplo... bom... deixe eu dar um exemplo...
bom... um exemplo clássico... um índio ... que foi
255 trazido... de uma reserva... do norte do Canadá...
para Otawa se não me engano... uma das cidades
canadenses... levaram este índio a ver tudo pela
primeira vez que ele tinha contato com uma cidade...
do mundo do Ocidente... quer dizer ele passou por
260 aquilo olhando... de repente ele parou embasbacado...
ficou olhando... o quê? ... um indivíduo subindo num
poste elétrico... para consertar... fios... coisa
equivalente... esse indivíduo tinha um cinturão de
couro... não sei se vocês já viram isso nas ruas de São
265 Paulo? ... não é? ... tem um cinturão de couro que
tem nos calcanhares uma espécie de esporão... então
... ele finca o esporão no... no - - eu acho que isso
não há mais em São Paulo porque não há mais postes
de madeira os postes todos são de cimento não é?...
de concreto... e... vem em quando... **vocês**
270 **percebem que eu sou um indivíduo de outra**
geração já... sou um quadrado mesmo não é?... mas
enfim isso também é um:::... é um exemplo bastante
antigo... é de Franz Boas não é?... digamos mil
novecentos e vinte... - - ((risos)) então havia o poste
275 de maneira com esse esporão... foi isso que o índio

Drew e Heritage (1992) afirmam que, em interações institucionais, pode haver restrições impostas pelo evento em questão. No trecho 02, o *informante* realiza um pequeno comentário pessoal, dizendo aos outros interactantes que “é um indivíduo de outra geração”, que é “um quadrado” (linhas 266 a 272). Contudo, o informante, na busca de cumprir o mandato institucional, sabe que não pode continuar com esse discurso, já que a tarefa institucional pressupõe que seja dada uma aula. Assim, volta-se ao assunto principal, transformando o comentário pessoal feito em uma digressão. O fim da digressão também é marcado no discurso com a expressão “mas enfim” (linha 272). Isso demonstra que o *informante* tem consciência dos limites impostos pelo evento.

Trecho 03

Inf.	Sapir-Whorf ou ()... o principal NExo que liga as coisas... no mundo... a principal maneira de chamar a atenção para os objetos... é o estímulo linguístico...
340	compreendem?... nós não podemos desenvolver isto muito aqui que este curso é introdutório... eu quero apenas dizer que evidentemente... esta orientação... pode comportar... exageros... eu não acredito... que a língua... tenha um papel... TÃO decisivo... na
341	formação... de toda a estrutura... de percepção

Já no trecho 03, o *informante*, nas linhas 340 a 341, deixa marcado que alguns assuntos não podem ser tratados naquele evento, porque se trata de *um curso introdutório*. Certas temáticas, assim, fogem dos limites daquele evento em particular.

A terceira e última característica de uma interação institucional refere-se à adoção de arcabouços e procedimentos característicos de contextos institucionais específicos. Como exemplo, podemos citar, em nosso *corpus*, os turnos adjacentes (tipo pergunta – resposta), presentes no trecho 01. Trata-se, nas palavras de Garcez (2006), de uma sequência do tipo “pergunta – resposta – avaliação”, em que:

- a) O *informante* faz uma pergunta para uma resposta já conhecida.
- b) O(s) *locutor(es)* responde(m).
- c) O *informante* avalia a resposta.

Assim, faz parte do papel social do representante da instituição fazer a avaliação da resposta. No trecho 04, extraído do 01, percebe-se essa avaliação nos excertos destacados:

TRECHO 04

Linhas 17 e 18 **você já está saltando sobre o aspecto linguístico** para / chegar nas conseqüências não é?... mas...

Linha 20 **certo...** não existe passado presente e futuro... agora

Linha 29 **certo**

Linha 33 **exato...** a o *hopi* diz... não há idéia então... de um

Del Corona (2009, p. 21) nos lembra que, “em algumas interações institucionais, demonstrar surpresa ao repetir uma resposta em terceira posição não é prática” que demonstre recebimento de informação que causou modificação no *status* do conhecimento de quem formulou a pergunta. Pelo contrário, ao se repetir uma resposta com entonação ascendente, faz-se, em certos eventos interacionais institucionais, uma avaliação da resposta. É o que ocorre no trecho 05, em que o professor faz uma pergunta para respostas já conhecidas. O jogo interativo é inteiramente dominado pelo *informante*, que fez a pergunta não esperando uma resposta, mas fortalecendo o grau de assimetria entre ele e os outros interactantes:

TRECHO 05

Inf.	coloquei para vocês a questão lógica... lembram-se disso?...
395	Equimênedes de Creta dizia “todos os cretenses são mentirosos” ... certo? ... ele estava dizendo a verdade ou a mentira? ... quem me diz? ... a mentira...
Loc. acid.	
Inf.	a mentiRA?.... mas se ele dizia todos os cretenses são mentirosos ele estava mentindo portanto estava dizendo a verdade... se ele dizia a verdade mentia e se mentia dizia a verdade... como é que nós vamos destrinçar isto... de Creta e Equimênedes e tudo o mais?... compreendem?... não se pode construir uma
400	

TRECHO 06

Inf.	Não só característico dos <i>hopi</i> ... é característico de Todo grupo... que... tenha () da existência... Baseado em mitos ou seja todo grupo humano... praticamente... mas alguns... põe ÊNfase... nesse
160	

- 165 eterno presente... em que... há forças... ocultas que de repente se manifestam... como diz... ahn Whorf... “não se pode dizer que as coisas vão Acontecer... que elas aconteceram... ou que elas Acontecem agora as coisas sempre... se E-VEN-TU-AM”... () ... - - eu procurei no *Pequeno dicionário... língua portuguesa* e a encontrei a palavra eventuar... e em inglês é palavra rara eu vi lá... termo raro... mas ele diz para o *hopi*...
- 170 a coisa não surge a existência porque houve um passado que levou a certas... ah ações determinadas... há um presente... em que as coisas então são: contemporâneas... e depois o futuro... hum... certo? há um conjunto... de indícios que é necessário interpretar... donde a importância da magia... e da religião... e esses indícios mostram que de repente... uma força... hum num determinado momento... ((tossiu)) se manifesta... Lévi-Strauss em *La penseé Sauvage*... diz o seguinte **“por que nós supomos que o nosso modo... de interpretar o mundo... é o modo verdadeiro?”**... e ele encontra no pensamento... de certos grupos... ahn selvagens...
- 175
- 180

Outro procedimento característico da interação institucional em xeque é o uso frequente de discursos referidos⁴ em sua fala. A presença dessas marcas discursivas de heterogeneidade marcada é uma forma de o *informante*:

- confirmar seu discurso, unindo seus dizeres aos discursos de outrem;
- reforçar a separação dos papéis sociais dos interactantes. O representante institucional é o detentor do conhecimento. Com isso, marca-se a interação com uma relação assimétrica.

No caso dos trechos 01 (linhas 44-45), 05 (linhas 394-395) e 06 (linhas 179 a 181), observamos o uso de discursos diretos, que são, segundo Oesterreicher e Koch (2007, p. 116), “simplesmente, ‘citado’ (estilo directo), de forma que su sistema deíctico referencial difiere del sistema deíctico del discurso al que se subordina”.

Dessa forma, fica evidente que a interação em análise é um evento institucional, apresentando as três características básicas que o diferem de eventos cotidianos. No caso do in-

⁴ Sobre os tipos de discurso referido, ver Oesterreicher e Koch, que postulam: La adecuación integral del discurso introducido al sistema deíctico referencial del discurso al que se subordina requiere un alto grado de planificación. Esto explica por qué en la distancia comunicativa se pueden explotar completamente todas las posibilidades del estilo indirecto. Por el contrario, dado que la fuerte espontaneidad de la inmediatez comunicativa dificulta la integración sintáctica completa y la adecuación temporal, espacial y personal del discurso referido, es comprensible que, en estas circunstancias, se prefiera el estilo directo.” (2007, p. 116-7)

quérito 124 aqui analisado, o mandato institucional é cumprido a contento. Isso é possível pela adoção de estratégias interacionais específicas, algumas delas aqui demonstradas, as quais configuram a interação como uma aula universitária.

Considerações finais

Além das marcas aqui demonstradas, há outras, de diferentes níveis, que podem ser investigadas, tendo em vista a especificidade do evento comunicativo analisado. Por meio da investigação de aspectos ligados à situação de comunicação, à organização interna da exposição e às características linguísticas, é possível, assim, definir o evento comunicativo em análise, chegando às características básicas da situação em xeque.

Desta forma, eventos comunicativos institucionais não são, evidentemente, idênticos a eventos informais. O próprio papel dos falantes que constroem o evento institucional, que se encontram em posições assimétricas nesses eventos, é uma das causas dessa heterogeneidade na interação.

E é justamente essa heterogeneidade presente entre os interactantes no ato interacional que dá “contornos específicos ao texto”, isto é, a interação é notada textualmente, por meio de marcas linguísticas e discursivas que refletem o evento comunicativo no qual os falantes se encontram inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, A. T. e PRETI, D. *A linguagem culta na cidade de São Paulo: elocuições formais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.

DEL CORONA, M. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In: LODER, L. L. e JUNG, N. M. *Análises de fala-em-interação institucional*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

DOLZ, J. et alii. A exposição oral. In: DOLZ, J., SCHNEUWLY, B. et alii. *Gêneros orais e escritos na escola*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DREW, P. e HERITAGE, J. *Talk at work: interaction in Institutional Settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

RECORTE – revista eletrônica
ISSN 1807-8591
Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura / UNINCOR
ANO 9 - N.º 1

GARCEZ, P. M. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. *Calidoscópio*. São Leopoldo, v. 4, n. 01, PP. 66-80.

KOCH, P. e OESTERREICHER, W. *Lengua hablada em la romania: español, francés, italiano*. Madri: Gredos, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 5. Ed. São Paulo, Ática, 2000.

MAYNARD, D. *The Discourse of Medicine: dialects of medical interviews*. Norwood: Ablex, 1984.

Artigo recebido em maio de 2012.
Artigo aceito em junho de 2012.